



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

CAROLINA DE ANDRADE LEAL

**SEMANA DAS MULHERES NEGRAS
Memória do Projeto Cultural**

**Salvador
2018**

CAROLINA DE ANDRADE LEAL

**SEMANA DAS MULHERES NEGRAS
MEMÓRIA DO PROJETO CULTURAL**

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura.

Orientação: Prof. Dr. Leonardo Costa

Salvador

2018

RESUMO

LEAL, Carolina de Andrade. **Semana das Mulheres Negras: Memória do projeto cultural**. 2018. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

Este trabalho apresenta o memorial descritivo da concepção e planejamento do projeto cultural Semana das Mulheres Negras, em Salvador, entre os dias 22 e 28 de julho de 2019. Partindo das discussões acerca das desigualdades raciais e de gênero, a abordagem histórica deste trabalho parte da instituição do Dia Internacional das Mulheres, passando pelo dia das Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas e dia da Mulher Negra chegando ao mito da democracia racial no Brasil. Dados históricos e estatísticos compõem a análise e justificam a proposta e realização deste projeto.

Palavras-chave: Raça. Gênero. Mulher negra. Democracia racial. Produção Cultural.

AGRADECIMENTOS

A Francisca e Augusta, Celisdalva e Valdelita, à Magnólia que são minhas raízes, meus ensinamentos e minha força diária na luta contra os demônios internos. São meu combustível e indignação contra a ignorância e estupidez humana.

A Ana Cláudia, Euci, Patrícia, Mônica, Rita e Dora, por moldarem diariamente o que vejo no espelho hoje.

A Camila, Mila, Monique, Catarina, Cibele, Marcela Leal, Maria Eduarda, Maria Clara, Marcela Bastos, que são meus braços e pernas e coração.

Aos homens da minha vida, Antônio, Alfredo, Marcelo, Alberto, Duda, Chico, Ney e Fróes, que me deixaram cair, me carregaram, me corrigiram e me mostraram que posso ocupar qualquer lugar no mundo.

A Gabriel, que por um erro do destino não nascemos irmãos.

As minhas amigas e amigos da Nata, especialmente Nati, Dri e Dan, que acompanharam mais de perto a loucura desse TCC.

A AECC, ao Petcom, que foram minha casa nos anos iniciais dessa jornada.

A Deia e Nati que me incentivaram e torceram por mim.

A Fábio Sadao Nakagawa que foi muito mais que meu tutor no Petcom, mas o tutor da minha vida, muitas vezes pai e amigo.

A Leonardo Figueiredo Costa por sua paciência, sua sabedoria, sua orientação nesse trabalho.

Aos meus, que sigamos juntos porque é chegada a hora da resistência.

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito.

Maria-Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela. Conhecia de cor, de olhos fechados muitos becos, porém alguns ainda eram-lhe estranhos. Mãe Joana nunca gostou que seus filhos fossem muito além da área em que moravam. Tinha medo, muito medo que eles se perdessem, quando estivessem distantes de casa. Maria-Nova, entretanto, furava o cerco. Amava a mãe, mas era impossível não ir ao mundo.

Conceição Evaristo, Becos da Memória

*Desafia, vai dar mó treta
quando disser que vi Deus
e ele era uma mulher preta
Mãe, Emicida*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DATA-SUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
FACOM	Faculdade de Comunicação
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
SIM	Sistemas De Informação De Mortalidade
SUS	Sistema Único de Saúde
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. GÊNERO E RAÇA SOB PERSPECTIVA HISTÓRICA	5
2.1 O DIA 8 DE MARÇO	5
2.2 O DIA 25 DE JULHO.....	7
2.3 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	11
3. O PROJETO.....	17
3.1 DIAGNÓSTICO CULTURAL: EVENTOS QUE INSPIRARAM A SEMANA DAS MULHERES NEGRAS	18
3.2 ANÁLISE SWOT	19
3.3 PLANO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA	21
3.3.1. Objetivo	21
3.3.3 Objetivos de Mídia	22
3.3.4. Meios	22
4. DO SURGIMENTO À ELABORAÇÃO DO PROJETO	24
4.1 IDEALIZAÇÃO.....	24
4.2 PLANEJAMENTO	25
4.2.1 O espaço	25
4.2.2 Curadoria da programação	27
4.2.3 Captação de recursos e patrocínio	31
4.2.4 Cotas de Patrocínio e contrapartidas	31
4.4 IDENTIDADE VISUAL.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
7. APÊNDICE	38

1. INTRODUÇÃO

O interesse pessoal foi fator decisivo para a construção desse projeto, mas não o faz menos importante uma vez que foi inteiramente construído baseado nas discussões de gênero e raça, assuntos de extrema relevância quando consideramos o Brasil. O percurso histórico teve início na instituição do Dia Internacional das Mulheres, passando pelo dia das Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas e dia da Mulher Negra chegando ao mito da democracia racial no Brasil contextualizando dados históricos e estatísticos que justificam a proposição e realização deste projeto. Em seguida é apresentado um processo de pesquisa, planejamento e produção do projeto e todas as suas etapas.

Por se tratar de um evento para mulheres negras, para mim era essencial que a programação fosse inteiramente preenchida por mulheres negras ou que contasse essa história colocando-as na posição de protagonistas e não de vítimas, como é o caso da exposição *Mulheres Radicais*. A seleção das convidadas se deu pela importância que o discurso de cada uma delas teve no meu reconhecimento pessoal enquanto mulher negra, na formação do meu discurso contra o racismo e o sexismo e na relevância nacional que cada uma delas tem dentro dos seus campos de atuação.

Outro ponto importante neste projeto é o título que recebe: *Semana das Mulheres Negras*, e neste momento aproveito para agradecer mais uma vez ao meu orientador, que provocou este tema. Inicialmente o evento se chamaria *Semana da Mulher Negra*, no singular, e, após ler a primeira versão do projeto, Leonardo me questionou se não seria melhor mudar o nome para *Semana das Mulheres Negras*. Já que este é um evento para questionar os padrões impostos por uma sociedade racista e sexista, por que colocar o nome do evento no singular já que há tantas mulheres negras neste Brasil?

Mais do que um evento cultural, a *Semana das Mulheres Negras* pretende ser uma atividade anual no calendário de Salvador para manter ativas discussões acerca das desigualdades raciais e de gênero que permeiam as relações sociais no Brasil a fim de proporcionar revisões nas políticas públicas atuais e contribuir para a construção de novas políticas públicas a partir de uma perspectiva de gênero e raça.

2. GÊNERO E RAÇA SOB PERSPECTIVA HISTÓRICA

2.1 O DIA 8 DE MARÇO

A origem do Dia Internacional das Mulheres durante muito tempo foi construída a partir de um mito que colocava o incêndio do Asch Building, onde ficava a oficina têxtil da Triangle Shirtwaist Company, fábrica têxtil localizada em Nova Iorque, no qual morreram 146 mulheres, em 8 de março de 1908, como o motivo da escolha da data para a comemoração, mas a verdade é que o incêndio não ocorreu neste dia e sim no dia 25 de março (GONZÁLEZ, 2010, p.32).

O Asch Building era um dos mais altos edifícios da época, todo construído em madeira, com 41 metros de altura e dez andares e a Triangle Shirtwaist Company ocupava os três últimos andares do prédio. Assim como as mais de 1200 oficinas têxteis de Nova Iorque, não cumpria os requisitos de segurança exigidos na época. Em sua maioria os prédios eram mal iluminados, não possuíam saídas de incêndio, as escadas eram estreitas e defeituosas e as portas, além de não possuírem abertura para a área externa, permaneciam trancadas durante o expediente. Em seu livro Ana Izabel Álvarez González detalha as condições em que os edifícios se encontravam.

No outono de 1910, o serviço de controle sanitário de Nova York (*New York Joint Board of Sanitary Control*) investigou as condições de 1.243 oficinas têxteis da cidade. Dessas, 99% foram declaradas inadequadas em matéria de segurança; 14 não possuíam saídas de incêndios; em 101 foram detectadas escadas defeituosas; 491 tinham apenas uma saída; em 23, as portas permaneciam fechadas com chave durante o dia; 58 estavam insuficientemente iluminadas; em 78, os acessos às saídas de incêndio estavam bloqueados e as portas de 1.172 (94%) abriam para dentro. (González, 2010, p. 34)

Uma vez que as condições de segurança do Asch Building eram inadequadas e não havia plano de evacuação para as mais de 500 empregadas que trabalhavam amontoadas entre as fileiras de máquinas de costura, qualquer incidente poderia facilmente se converter em uma tragédia, como o incêndio que matou as 146 jovens em 25 de março de 1911.

Anos antes, em 27 de setembro de 1909, começou uma paralisação que reivindicava melhores condições de trabalho, salários mais altos, uma jornada de diária adequada, limitação das horas extras e reconhecimento dos direitos sindicais. Foram 13 semanas de greve e mais de 30 mil mulheres reunidas, muitas empresas aceitaram as reivindicações e fizeram acordo com suas empregadas, mas 13 empresas, dentre elas a Triangle Shirtwaist Company, não aceitaram as

reivindicações feitas pelas grevistas. Como afirma González (2010, p.41), “se (os empresários) tivessem aceitado as reivindicações das grevistas, o incêndio que ocorreu no ano seguinte provavelmente não teria acontecido”. Apesar de ter extrema importância na luta operária das mulheres, o 8 de março está atrelado a outro acontecimento, que não o incêndio.

O início do século XX foi marcado por intensa articulação entre as mulheres que lutavam por melhores condições de trabalho, como prazo adequado para a licença maternidade, fim das condições insalubres, uma jornada de oito horas diárias, e o direito ao voto da mulher.

Em abril desse mesmo ano (1905), aconteceu em São Petersburgo a conferência da recém-criada organização feminista União para a Igualdade das Mulheres. Seu programa reivindicava o sufrágio direto, secreto e universal, sem distinção de sexo, nacionalidade ou religião, igualdade para homens e mulheres perante a lei, regulamentações para garantir proteção para as operárias e a coeducação em todos os níveis. (GONZÁLEZ, 2010, p.147)

Reunidas na II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em Copenhague, como forma de estreitar os laços entre as mulheres socialistas de todos os países, foi instituída a comemoração do Dia Internacional das Mulheres, que já era uma prática oficial das estadunidenses. Cada país escolheu uma data para a comemoração, mas a primeira vez que foi comemorado no dia 8 de março foi no ano de 1914, pelas alemãs, suecas e russas.

A participação ativa da Rússia na Primeira Guerra Mundial com o envio de tropas fez com que o país sofresse com a escassez e altos preços dos alimentos. Neste ano, em 1917, a comemoração do Dia Internacional das Mulheres daria início ao que mais tarde seria conhecida como a Revolução Russa de 1917.

As mulheres de Petrogrado, que tinham se convertido em chefes de família enquanto os homens estavam na frente de guerra, cansadas da escassez e dos altos preços dos alimentos, saíram às ruas. A elas imediatamente se uniram as *soldatki* – esposas, filhas e irmãs dos soldados. E, à medida que percorriam as ruas, o número aumentava com as donas de casa que faziam fila para buscar sua ração de pão, com as operárias das oficinas e das fábricas, até chegarem ao oeste da cidade, onde se acantonaram sobre as pontes do rio Neva. No dia seguinte, o número de mulheres nas ruas chegou a mais de 190 mil. Manifestavam-se cantando as palavras de ordem “Pão! Nossos filhos estão morrendo de fome!” (GONZÁLEZ, 2010, p.129 - 130)

González (2010, p. 130) afirma ainda que o exército não tentou impedir a manifestação. A adesão popular era cada vez maior e o czar Nicollau II se viu obrigado a renunciar ao governo dias mais tarde convertendo a Rússia em uma República.

Ainda em março de 1917 foi criado o Secretariado de Mulheres Trabalhadoras, um ano depois foram decretadas leis que tornaram trouxeram igualdade de gênero.

As russas foram as primeiras mulheres a conquistarem direitos que hoje mulheres brasileiras não conseguiriam se imaginar sem, como a abertura das instituições de ensino à todas as mulheres, igualdade dentro dos casamentos, possibilidade de solicitação de divórcio e direito de possuir passaporte. Também conquistaram direitos pelos quais o movimento feminista ainda luta, como a legalização do aborto e o direito de receber um salário igual ao dos homens no desempenho da mesma atividade. A Rússia foi o primeiro país a aprovar o sufrágio universal feminino, em 20 de julho de 1917.

A partir deste ano, nos demais países o Dia Internacional das Mulheres passou a ser comemorado em 8 de março. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a criação da Organização das Nações Unidas, foi criado um marco institucional que convidou mulheres do mundo inteiro a unir-se em torno deste dia e comemorá-lo como reconhecimento dos seus direitos.

2.2 O DIA 25 DE JULHO

O Brasil, juntamente com outros países da América Latina e do Caribe, recebeu mais de 20 milhões de crianças, mulheres e homens negros para, de forma desumana, serem a mão de obra que trabalharia para a colonização do recém descoberto “Novo Mundo”.

Ignora-se a quantidade de negros que o tráfico arrancou do continente africano para escravizá-los no Novo Mundo. O comércio massivo começou em 1518 com o primeiro barco negreiro que chegou a América diretamente da África com seu "carregamento" de peças de ébano. Sabendo-se que o tráfico escravagista foi suprimido em 1873 e considerando que as licenças concedidas nos começos autorizavam um total de 4000 "peças" ao ano, e houve um aumento gradual até chegar ao século XVIII com a participação de navios negreiros de todas as nações interessadas, deixando a uma cifra média de 100.000 por ano, chegando-se a calcular entre 15 e 20 milhões o total de negros introduzidos durante esses quase quatro séculos.

Mas nestas contas não estão incluídos o comércio clandestino, que se prolongou até os últimos anos do século XX. E se você pensar na quantidade bruta do processo, que começava com o incêndio das fazendas africanas, continuava com a corda de cativos marchando até as fábricas costeiras, seguia com a "travessia intermedia" que diminuía consideravelmente o estoque e finalmente nos portos de Cartagena de Indias, Veracruz, La Habana, Portobelo, Bahia e Buenos Aires para seu mercado interior deveria

então duplicar e até triplicar esse total estimado. (SANTACRUZ, 1995, tradução nossa)¹

É neste cenário de violência e subjugação do povo negro que, em meio à escravidão, surge o movimento negro no Brasil, como forma de resistência e proteção mútua na luta pela liberdade, pelo fim da escravidão e do comércio de escravos no país. Muitas batalhas em diversos quilombos no Brasil fizeram com que, em 1888, com o decreto da lei abolicionista pelo fim da escravatura, o povo negro conquistasse sua liberdade. O racismo e a desigualdade social, heranças da escravidão, passaram a ser a nova pauta de luta do movimento negro no Brasil.

De acordo com Domingues (2007, p. 4-6), articulados, os negros então passam a se organizar por meio de agremiações em diversos estados do país que possuíam cunho cultural, recreativo e/ou assistencialista, que reunia um número razoável de associados. Foram catalogadas mais de 200 agremiações de homens negros pelo país, incluindo associações formadas estritamente por mulheres negras, como a Sociedade Brinco das Princesas (1925), em São Paulo, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), em Pelotas.

Neste mesmo período surgiu também a *imprensa negra*, jornais que denunciavam as desigualdades raciais existentes na época, como o impedimento, embora não institucionalizado pelo governo, dos negros de frequentarem clubes, hotéis, restaurantes e diversos espaços públicos e mais tarde, a partir da década de

¹ Se ignora la cantidad de negros que la trata arrancó al continente africano para esclavizarlos en el Nuevo Mundo. El comercio masivo comenzó en 1518 con el primer barco negrero que llegó a América directamente de Africa con su "cargazón" de piezas de ébano. Sabiéndose que el tráfico esclavista fue suprimido en 1873 y considerando que las licencias concedidas en los comienzos autorizaban un total de 4000 "piezas" al año, e ir en aumento gradual hasta llegar al siglo XVIII con la participación de buques negreros de todas las naciones interesadas, arrojando un cifra media de 100.000 por año, se ha llegado a calcular en 15 y hasta en 20 millones el total de negros introducidos durante esos casi cuatro siglos.

Pero en estas cuentas no se incluye el comercio clandestino, que se prolongó hasta los últimos años del siglo XX. Y si se piensa en la cantidad bruta del proceso, que comenzaba con el incendio de los caseríos africanos, continuaba con la cuerda de cautivos marchado hacia las factorías costeras, seguía con la "travesía intermedia" que mermaba considerablemente el stock y finalmente en los puertos de Cartagena de Indias, Veracruz, La Habana, Portobelo, Bahía y Buenos Aires para su mercadeo interior, habría entonces que duplicar y hasta triplicar ese total estimado. (SANTACRUZ, 1995)

1930, em São Paulo, a Frente Negra Brasileira - FNB, que possuía uma pauta de reivindicações de cunho político. De acordo com Domingues (2007, p. 7), as mulheres participavam ativamente da FNB assumindo diversas funções, como a mobilização de negras para realizar trabalhos assistencialistas ou na organização bailes e festivais artísticos. O atingimento da FNB foi tamanho que se cogitou a participação das eleições no ano de 1936, não tendo ocorrido dado a instauração do Estado Novo em 1937, que extinguiu os movimentos sociais da época.

Com a instauração da ditadura do “Estado Novo”, em 1937, a Frente Negra Brasileira, assim como todas as demais organizações políticas, foi extinta. O movimento negro, no bojo dos demais movimentos sociais, foi então esvaziado. (Domingues, 2007, p. 8)

Com o encaminhamento para o fim da ditadura militar na década de 1970, os movimentos sociais passam a se reorganizar politicamente e ganhar força tendo como pautas a redemocratização do país e busca da cidadania.

Pode-se apresentar o ano de 1975 como o marco de reaparecimento de organizações feministas no Brasil. E no ano de 1978 é criado o Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo, como reação à discriminação sofrida por quatro atletas negros no Clube Tietê e à morte de um trabalhador negro, Robson Silveira da Luz, devido a torturas policiais. O primeiro ato público do MNU ocorreu em 7 de julho de 1978, em frente ao Teatro Municipal, em São Paulo. O MNU reivindica melhores condições de vida, denuncia o racismo e as dificuldades encontradas pelos negros no acesso ao mercado de trabalho, a violência policial e o desemprego (Rodrigues & Prado, 2010, p. 5)

Embora empunhando bandeiras muito caras às lutas contra as desigualdades sociais, as mulheres negras não tinham suas pautas representadas dentro de nenhum dos dois movimentos. O movimento feminista, de origem branca, não abarcava as demandas raciais e o movimento negro não englobava as demandas de gênero.

O ano era 1992 e foi como uma resposta alternativa a quase cinco séculos de escravização do povo negro que aconteceu, em Santo Domingo, República Dominicana, o Primeiro Encontro de Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, com a participação de 300 mulheres representantes de 32 países, conforme conta Irene Léon (1995), que interpelou organizações sociais e políticas, o movimento negro, o movimento feminista e de mulheres demandando que as reivindicações das mulheres negras fossem parte das reivindicações, análises e propostas políticas destes grupos sociais.

Racismo, questões de gênero, identidade étnico-cultural, educação, violência, relações de trabalho, sexualidade e orientação sexual, faziam parte das demandas do Encontro que buscava pôr fim à invisibilidade social das mulheres negras e

desvalorização de suas raízes e identidades culturais em decorrência de uma ideologia racista e sexista impostas hegemonicamente².

Em seu texto que aborda o Primeiro Encontro de Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, Léon (1995) descreve as falas participantes do Encontro. Para elas o alicerce das instituições que definem as políticas públicas, culturais, educativas, etc., são as ideologias racistas e sexistas e corroboram esta afirmação utilizando como exemplo as políticas demográficas que querem utilizar o controle de natalidade em setores “menos aptos” como solução aos problemas de superpopulação, a utilização de imagens estereotipadas das mulheres negras pelos meios de comunicação de massa, que acaba por utilizar as mulheres que fazem parte deste grupo social em papéis de serviçais ou a partir da sexualização de seus corpos.

O Encontro que aconteceu entre os dias 19 e 25 de julho de 1992 não teve fim em seu último dia. Foi construída a Rede de Mulheres Afro-Latinas e Afro-Caribenhas que tem como principal objetivo organizar as estratégias regionais de luta contra a discriminação a que são submetidas cada uma das mulheres deste grupo e o dia 25 de julho ficou instituído como o Dia Internacional das Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas.

No Brasil, a Lei nº 12.987/2014, sancionada pela presidenta eleita Dilma Rousseff, institui o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Ícone da resistência negra no Brasil colonial, Tereza de Benguela viveu no século XVIII e comandou, após a morte do seu marido, José Piolho, o Quilombo do Quariterê. Toda a estrutura política, econômica e administrativa do quilombo ficava a cargo da Rainha Tereza, que instituiu um parlamento, um sistema de defesa com armas trocadas com

² O conceito de hegemonia que será utilizado neste trabalho é o apresentado Raymond Williams, a partir de Gramsci, em *Marxismo e Literatura*. “Em uma perspectiva mais geral, esta aceção de uma ideologia se aplica por meios abstratos a verdadeira consciência tanto das classes dominantes como das classes subordinadas. Uma classe dominante tem esta ideologia em formas simples e relativamente puras. Uma classe subordinada, em certo sentido, não tem senão esta ideologia como sua consciência (desde o momento em que a produção de todas as ideias, por definição axiomática, está nas mãos dos que controlamos meios de produção primários); ou, em outro sentido, esta ideologia se impôs sobre sua consciência - que de outro modo seria diferente - que deve lutar para sustentar-se ou desenvolver-se contra a ideologia da classe dominante.” (WILLIAMS, 1988, p. 131)

os brancos ou resgatadas nas vilas dos arredores, fabricava e comercializava tecidos com o algodão proveniente da agricultura desenvolvida pelos quilombolas.

O fortalecimento dos quilombos e as fugas frequentes dos escravos fizeram com que os proprietários das minas, apoiados pelo governo da época, se unissem para destruir os quilombos e capturar os fugitivos. Nesta perseguição muitos negros foram mortos, torturados e presos. Após uma emboscada, Tereza de Benguela foi aprisionada morrendo de inanição poucos dias após sua captura.

Desde a sanção da lei, no Brasil a data ganhou cada vez mais força e se multiplicou em Marchas das Mulheres Negras em todas as regiões do país unindo-se às reivindicações propostas pelo Encontro de 1992, que ainda são atuais.

2.3 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

É muito comum escutar que por sermos um país miscigenado não há racismo no Brasil, que o sistema de cotas e o dia da consciência negra servem apenas para aumentar os distanciamentos que provocam a discriminação racial. Ainda no século XIX, o abolicionista M. Quentin afirmava a inexistência de preconceito de raça e que a igualdade entre os negros e os brancos era um fato.

O que facilitará a transição [para um regime de mão de obra livre] no Brasil é que lá não existe nenhum preconceito de raça. Nos Estados Unidos e em Cuba todos os homens de cor, mesmo um liberto, são olhados de cima como inferior pelos homens de raça branca. Não há nada disso no Brasil: lá todos os homens livres são iguais; e esta igualdade não é só da lei, mas é também da prática cotidiana (...). A igualdade lá não é só um direito: é um fato. (SILVA apud QUENTIN apud AZEVEDO, 2015, p.3).

O principal jornal afro-americano, *Chicago Defender*, em 1914, após visita de um dos seus repórteres ao Brasil, publicou uma matéria que afirmava a inexistência do racismo neste país.

Jovem de Chicago visitou as principais cidades brasileiras e ficou impressionado com o progresso, a riqueza e os cargos elevados conquistados por afro-americanos – as raças continuam a casar entre si e a viver em paz e harmonia, pelo bem comum do país. HÁ ABSOLUTAMENTE NENHUMA DIVISÃO DE COR NO BRASIL. (ANDREWS apud BRAZIL Welcomes Afro-Americans, 1914, p. 1, tradução nossa).

A democracia racial no país era uma verdade posta para os afro-americanos até 1940, quando o *Baltimore Afro-American* enviou Ollie Stewart, um correspondente que publicou um artigo questionando por que a igualdade racial não se refletia nas ocupações de cargos. “Se tudo se dá em base de igualdade, por que não encontramos

peças de cor no departamento nacional de propaganda, agricultura, belas artes, comércio...?” (ANDREWS apud HELLWIG, 1992, p. 108, tradução nossa).

Uma série de pesquisas patrocinadas pela UNESCO na década de 1950 buscava investigar as relações raciais no Brasil e acabou por revelar o crescimento da discriminação racial no Brasil. A jornalista Era Bells Thompson em visita ao Brasil em 1965, publicou na revista *Ebony* a matéria com o título “A amálgama³ funciona no Brasil?”, que trazia questionamentos acerca das relações raciais encontradas aqui.

Eu quero saber por que, em um país com quase quatro vezes mais (37%) pessoas de cor do que os EUA, onde a escravidão começou cedo (1532) e durou 111 anos a mais (1888), não existem manifestações *sit-in*⁴ ou pequenas Selmas⁵; por que a nação que garantiu ao negro direitos civis completos juntamente com a abolição, aprovaram uma lei anti-discriminação 13 anos antes de nós; por que existe desproporcionalmente mais pessoas escuras limpando o chão dos escritórios do que sentadas atrás das mesas (Does Amalgamation Work in Brazil, 1965, p. 28, tradução nossa)⁶

O debate racial que se iniciava foi silenciado com o Golpe Militar de 1964. A campanha oficial de governo empunhou a bandeira da democracia racial deslegitimando e censurando as manifestações que tinham como pauta as questões raciais, dificultando o reconhecimento da identidade negra de forma individual e coletiva com a ausência de ações político-afirmativas do movimento negro e acentuando os indícios de desigualdade racial apontados pela UNESCO em 1950 com o passar dos anos.

A democracia racial, na feliz expressão de Antonio Sergio Guimarães, torna-se um "dogma" dos governos militares, visando evitar a desagregação entre as raças, sustentando na ideia de "unidade nacional" o regime militar desenvolveu também "um processo contínuo e violento" de unificação política por meio da supressão das identidades étnicas discrepantes e de opressão e repressão (SOUZA apud GUIMARÃES, 2012, p.57).

³ Para a autora, amálgama significava miscigenação racial.

⁴ Manifestações *sit-in* é um protesto não violento que consiste em sentar-se e ocupar um espaço.

⁵ Pequenas Selmas refere-se a uma série de marchas realizada na cidade de Selma reivindicando o direito de voto aos negros e culminou na Marcha de Selma a Montgomery, capital do Alabama, nos Estados Unidos, quando Martin Luther King marchou ao lado de cerca de 8000 pessoas

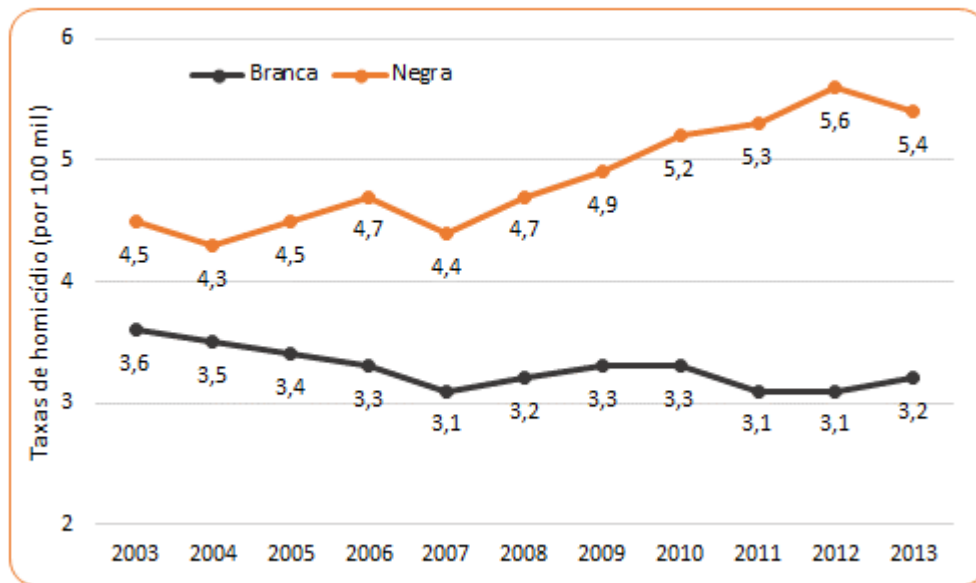
⁶ I wanted to know why, in a country with almost four times as many (37%) colored people as the USA, where slavery began earlier (1532) and lasted 111 years longer (1888), there are no sit-in demonstrations or little Selmas; why a nation which granted the Negro full civil rights along with abolition passed an anti-discrimination law 13 years before we did; why there are disproportionately more dark people sweeping office floors than sitting behind office desks. (Does Amalgamation Work in Brazil, 1965, p. 28, tradução nossa)

Embora, após o fim da escravidão, não houvesse de forma institucionalizada um sistema racial repressivo como na África do Sul com o *Apartheid* e nos Estados Unidos com o *Jim Crow*, as desigualdades raciais cresciam veladas sob o mito da democracia racial. Em seu artigo, *Mulheres em Movimento*, Sueli Carneiro (2003) discute a necessidade de reconhecimento do racismo e do sexismo, elencando diversos tópicos que mostram as disparidades das mulheres negras com relação a sociedade, como violência, escolaridade e presença no mercado de trabalho, como ponto de partida para dirimir estas desigualdades.

De acordo com o Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil⁷ somos o 5º país que mais mata mulheres no mundo. São 4,8 homicídios para cada 100 mil mulheres. Quando comparado com o Reino Unido o número brasileiro chega a ser 48 vezes maior que o britânico. Em quase todas as regiões do país as mulheres negras são os principais alvos da violência letal. Enquanto as taxas de homicídio das mulheres brancas historicamente tendem a cair, entre 2003 e 2013 houve uma queda de 9,8% do total, a mortalidade entre as negras cresce 54,2% no mesmo período, aumentando consideravelmente o índice de vitimização das mulheres negras, como pode ser visto nos gráficos abaixo.

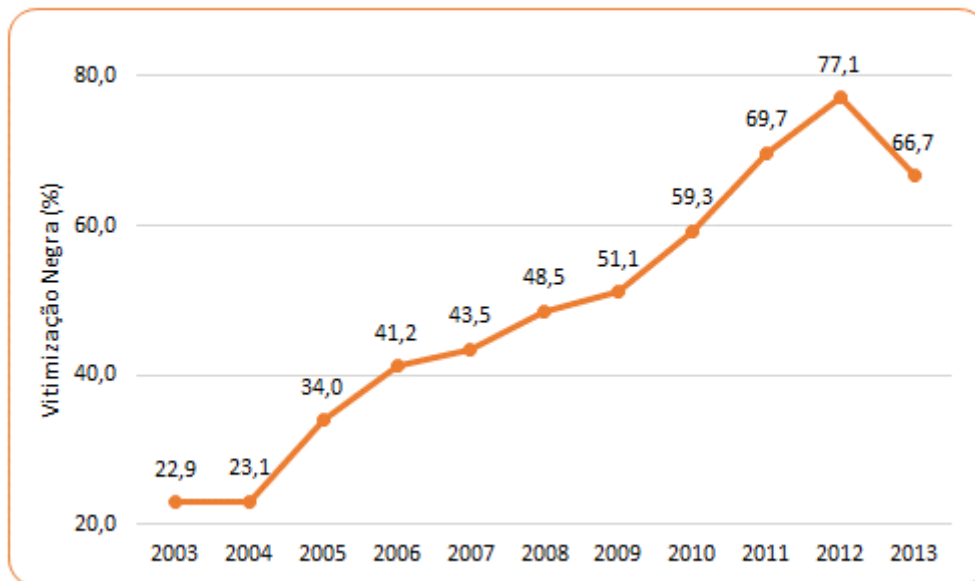
⁷ O Mapa da Violência no Brasil é uma série de estudos organizados por Julio Jacobo Waiselfiz e publicado pela FLACSO desde 1998. Os estudos reúnem dados do SIM, SVS, MS, Censos Demográficos do IBGE, DATASUS e PNS.

Evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras (por 100 mil). Brasil. 2003/2013



Fonte: Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil

Evolução do índice de vitimização negra (%) nos homicídios de mulheres. Brasil. 2003/2013



Fonte: Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil

Hoje, 53 anos depois da visita de Era Bells Thompson ao Brasil, negros e negras continuam a ocupar as posições de menor prestígio e remuneração, conforme apresentado abaixo pelo Dossiê Mulheres Negras – retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil⁸, a partir dos microdados da PNAD.

⁸ O Dossiê Mulheres Negras – retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil é um conjunto de artigos que discute as desigualdades de gênero e raça no Brasil, publicado pelo IPEA e

População ocupada, segundo categorias selecionadas, por sexo e cor ou raça – Brasil (2009)

	Homens brancos	Homens negros	Mulheres brancas	Mulheres negras
Taxa de participação (%)	80,6	82,5	58,5	59,2
Taxa de desocupação (%)	5,3	6,6	9,2	12,5
Distribuição da população ocupada	27,6	29,6	22,1	20,7
Posição na ocupação	100	100	100	100
Funcionário público/militar	6	5,1	10,9	8,5
Empregado com carteira assinada	42,7	36,9	35,4	24,8
Empregado sem carteira assinada	15,1	22,5	12,1	13,3
Conta própria	23,3	24,9	15,6	16,8
Empregador	7,9	3,5	3,8	1,4
Empregado doméstico	0,8	1,1	12,5	21,6
Outros	4,2	6	9,7	13,5
Distribuição da população ocupada por setor de atividade (%)	100	100	100	100
Administração pública	5,8	5,3	5,3	4,3
Agrícola	15,4	23,8	9,3	14,8
Comércio	19,8	17,1	17,8	15,7
Indústria	18,4	14,5	14,2	11,1
Construção civil	10,4	15,1	0,6	0,4
Serviços auxiliares	11,1	9,9	6,3	6,4
Serviços sociais	5,6	4,3	31,8	36
Outras atividades	13,5	10,1	14,7	11,2
Distribuição da população em situação de trabalho infantil (%)	18,6	48,6	9,6	23,2
Distribuição da população ocupada por faixa de anos de estudo				
Menos de 1 ano	5,3	12,5	3,6	9,3
1 a 4 anos	17,1	23,4	13,4	19,4
5 a 8 anos	22,1	25,9	17,5	22,7
9 a 11 anos	35	30,6	36,7	35,6
12 anos ou mais	20,6	7,6	28,9	13
Rendimento médio mensal no trabalho principal	1491,0	957,0	833,5	544,4

Fonte: Microdados da PNAD

A análise dos dados nos permite observar que a taxa de desocupação das mulheres negras é 135% maior quando comparado com as mulheres brancas, se esta comparação for feita com os homens negros é 235% maior. São as mulheres negras também o maior quantitativo cuja ocupação é a de empregada doméstica, possuem o pior rendimento médio mensal, menor presença nos empregos de carteira assinada. O número de mulheres negras com menos de 1 ano de escolaridade é 258% maior que o número de mulheres brancas neste mesmo parâmetro.

O reconhecimento do racismo e da misoginia enquanto desigualdades que são parte da estrutura da nossa sociedade, como verificado a partir dos indicadores

apresentados anteriormente, é o início do longo caminho que ainda deve ser percorrido para o desmonte destas violências. Uma vez encarado o problema, é preciso analisar as políticas públicas atuais, traçar novas estratégias e construí-las a partir de uma perspectiva de gênero e raça que transforme a situação de vulnerabilidade que se encontram as mulheres negras.

3. O PROJETO

Tendo em vista a relevância das discussões acerca de raça e gênero no Brasil e a importância de difundir manifestações artísticas e culturais que contribuam para a diminuição das desigualdades raciais e de gênero, a *Semana das Mulheres Negras* é um evento que acontece em comemoração aos 5 anos de instituição do Dia da Mulher Negra pelo governo brasileiro e o Dia das Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, ambos no dia 25 de julho.

Entre os dias 22 e 28 de julho de 2019, o Solar do Unhão receberá mulheres inspiradoras dentro dos seus campos de trabalho tornando-se palco de um evento que envolve moda, música, exposição de artes visuais e rodas de discussões com o objetivo de fortalecer a identidade da mulher negra.

Fará parte da programação do evento a exposição *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985*. Nátaly Neri, Gabi Oliveira, Coletiva Luana Barbosa, Carol Alves, Milena Anjos, Viviane Ferreira, Larissa Fulana de Tal, Érica Malunguinho, Lúcia Xavier, Cida Bento, Conceição Evaristo, Giovana Xavier, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, convidadas para o “Diálogos Inspiradores”, o projeto “Negras do Brasil”, de Daniele DaMata, e as apresentações musicais de Josyara, Nara Couto, Bia Ferreira, Luedji Luna, Elza Soares, Larissa Luz, Aiace, As Bahias e a Cozinha Mineira e Karol Conká. Artistas local e nacionalmente relevantes.

A partir desta curadoria, o evento se fundamenta na discussão dos desafios percorridos pelas mulheres negras em seu cotidiano, seus papéis na sociedade e as possibilidades de transformação da realidade atual e como estas vivências influenciam em seus processos criativos. Feminismo negro, intelectualidade, redes sociais, beleza, discriminação racial, de gênero e de classe serão assuntos pautados durante o evento.

Ainda a fim de apresentar a relevância sociocultural deste projeto, será realizado um diagnóstico cultural a partir de eventos similares realizados no Brasil, a análise SWOT⁹ e por fim o plano de comunicação e mídia do projeto.

⁹ SWOT é uma sigla em inglês para Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats, em português Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças.

3.1 DIAGNÓSTICO CULTURAL: EVENTOS QUE INSPIRARAM A SEMANA DAS MULHERES NEGRAS

Para compreender o ponto de partida desta proposta é importante conhecer outros eventos que foram referência na construção deste projeto tanto pelos objetivos que o evento se propõe a atingir, como a valorização da mulher, autoafirmação da cultura afro e disputas pelo espaço político no combate das desigualdades raciais e de gênero, quanto pelo formato que coloca o público não como mero consumidor da programação, mas como parte da construção dela quando promove interação com os convidados.

1) Casa TPM¹⁰

A *Casa TPM* é um evento proprietário da Revista TPM, que acontece anualmente, em São Paulo, desde 2012, e tem como principal objetivo questionar os padrões sociais que são impostos às mulheres. Debates, workshops, shows e uma missão necessária: resgatar o feminino presente em homens e mulheres.

Na edição de 2018 o evento contou com a presença de personalidades como Taís Araújo, Djamilia Ribeiro, Camila Pitanga e diversas marcas se engajaram no evento promovendo uma comunicação de valorização da mulher, como a Gol, eQuilibri, Nescafé e Roche.

2) Afropunk Festival¹¹

Em 2003 Matthew Morgan e James Spooner estavam produzindo o *Afropunk*, um documentário sobre os jovens negros da cena musical punk-indie e rock-hardcore norte-americana. Como forma de aproximar os personagens do documentário que foi bem recebido pela comunidade, em 2005, aconteceu, no Brooklyn Academy of Music a primeira edição anual do *Afropunk Festival*.

Desde 2005 o festival cresceu e tomou uma proporção internacional recebendo artistas como Janelle Monáe, Petite Noir, Ms. Lauryn Hill e Lenny Kravitz chegando a reunir cerca de 60 mil pessoas e chegando a ter edições no Brooklin, Atlanta, Paris,

¹⁰ <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/programacao-da-casa-tpm-2018>. Acesso em: 28 out. 2018

¹¹ <http://afropunkfest.com/brooklyn/>. Acesso em: 28 out. 2018

Johanesburgo e Londres. Durante o evento, que não possui apenas shows musicais, acontecem debates sobre os diversos assuntos que a plataforma online¹² trata ao longo do ano, como racismo, ativismo político, gênero e sexualidade, beleza, música e autoafirmação da identidade cultural afro americana.

3) Latinidades¹³

O Festival Latinidades foi criado em 2008 em comemoração ao dia 25 de julho se tornando o maior festival de mulheres negras da América Latina e o único evento brasileiro de grande porte para a comemoração da data. O projeto que possui em sua programação debates, oficinas de capacitação e empreendedorismo, publicações, música, teatro, dança e literatura apresenta um caráter cultural e formativo.

Realizado no mês de novembro no Distrito Federal, o evento abre espaço para discussões e iniciativas que envolvam o estado e a sociedade civil para a promoção da igualdade racial e enfrentamento ao racismo e sexismo. O evento que acontece em diversos espaços da cidade já recebeu o Bando de Teatro Olodum, Sueli Carneiro e Kimberlè Crenshaw e promove, há dez edições, a valorização da produção cultural, política e intelectual de mulheres negra.

Os três eventos acontecem há mais de cinco anos e são um sucesso de público, visibilidade e repercussão positiva na mídia. Reúnem em sua programação artistas e intelectuais que são referências nos assuntos discutidos e a programação é composta não apenas por apresentações artísticas, mas também pela aproximação do público e geração de debate durante o evento.

3.2 ANÁLISE SWOT

A análise *swot* avalia tanto os aspectos internos do projeto, como as suas potencialidades e as suas fraquezas, que são possíveis de serem aprimorados ou solucionados, quanto os aspectos externos do projeto, como as suas oportunidades e ameaças, que fogem do controle do gerenciamento do projeto, mas que o

¹² <http://afropunk.com/>. Acesso em: 28 out. 2018

¹³ <https://www.latinidades.com/>. Acesso em: 28 out. 2018

conhecimento prévio permite a tomada de ações para maximizar ou minimizar os impactos.

Para a realização deste projeto identifiquei algumas potencialidades como o ineditismo na Bahia e as atrações convidadas para compor a programação, que atrairiam uma grande demanda de público. Outro aspecto importante é a escolha do espaço para realização do evento, que já abriga eventos musicais, exposições e outras atividades que promovem o estreitamento do relacionamento com o público.

O ineditismo, que se apresenta como uma potencialidade do projeto, é também uma fragilidade. A inexistência de edições anteriores do evento e portfólio que comprove a relevância do projeto, o alcance de mídia e de público, poderia ser uma dificuldade para obtenção de patrocínio. Mobilizar o público para presença da programação que ocorre durante a semana também seria uma dificuldade.

Por se tratar de um evento voltado para o público feminino negro, onde marcas de cosméticos cada vez mais tem se preocupado em investir em tecnologias para cabelos crespos e cacheados e maquiagens para os diferentes subtons da pele negra, o apelo ao segmento privado se configura como uma oportunidade. É uma vantagem também a ampliação do debate em torno do *Encontro de Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas*, com a presença do Nordeste.

Embora tenha potencialidades e oportunidades, o projeto possui também ameaças sendo uma delas a possibilidade de reconfiguração das políticas de financiamento a cultura, com a extinção da pasta do Ministério da Cultura a partir de 2019¹⁴. Outra ameaça é a realização da décima primeira edição do *Latinidades* no mesmo período, até 2017 o evento era realizado em novembro. Por fim, apesar da relevância do tema, o mesmo ainda não possui visibilidade midiática e poucas empresas destinam investimentos para realização de eventos com este cunho.

¹⁴<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/09/03/bolsonaro-defende-mudancas-na-lei-rouanet-e-diz-que-se-eleito-vai-tirar-status-de-ministerio-da-cultura.ghtml>. Acesso em 15 set. 2018

3.3 PLANO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA

3.3.1. Objetivo

A comunicação do evento está fundamentada em promover a aproximação do público-alvo com as convidadas nos meios online e off-line. A principal mensagem a ser transmitida por este plano de comunicação é a de reconhecimento e representatividade. É importante que as mulheres público-alvo do evento se vejam e se inspirem esteticamente e intelectualmente nas mulheres convidadas e assim desejem conhecê-las, ouvi-las, aprender e dialogar com elas durante o evento.

3.3.2. Informações

a) Produto

Semana da Mulheres Negras é um evento que acontece de 25 a 28 de julho, no Solar do Unhão, e envolve moda, música, exposição de artes visuais e rodas de discussões em comemoração aos 5 anos de instituição do Dia da Mulher Negra pelo governo brasileiro e o dia da Mulher Afro-Latina-Americana e Caribenha.

b) Concorrência e situação do mercado

Na cidade de Salvador e no estado da Bahia existem eventos que debatem questões raciais e de gênero, mas conforme exemplificado no mapeamento cultural, estes eventos são de cunho acadêmico e não integram as diversas manifestações artísticas que esta proposta traz. Sendo assim, este projeto não apresenta propostas concorrentes.

c) Público-alvo

O perfil do público pretendido pelo evento é formado por gestores e representantes do poder público e da cultura, produtores culturais, artistas, estudantes e mulheres jovens e adultas que tenham interesse por moda, música, artes plásticas, audiovisual e assuntos relacionados a movimento negro, feminismo negro, discriminação racial, de gênero e de classes residentes na cidade de Salvador e Região Metropolitana.

d) Estratégia de Comunicação

Objetivo da campanha de comunicação é promover o reconhecimento e aproximação do público alvo das convidadas do evento. As redes sociais serão as principais mídias utilizadas para divulgação do evento, não abrindo mão das mídias convencionais, como outdoor, vt e spot em rádios além de cartazes e panfletos.

e) Local de Veiculação

Salvador e Região metropolitana.

j) Período de Veiculação

Início em abril, 3 meses precedentes a data de início do evento.

3.3.3 Objetivos de Mídia

a) Alcance

O alcance da divulgação da *Semana da Mulheres Negras* deverá ser de grande alcance, contemplando as cidades de Salvador e Região Metropolitana buscando conseguir um público médio de 10 mil pessoas durante o evento.

b) Frequência Média

O evento pretende integrar o calendário anual do estado tornando-se uma referência nacional na comemoração do dia 25 de julho e ampliando os públicos e atrações.

3.3.4. Meios

O projeto de comunicação prevê parcerias com as principais emissoras de TV do estado. Por trazer artistas relevantes nacionalmente, o evento apresenta uma tendência de veiculação por meio de mídia espontânea.

a) TV aberta

Band, Rede Bahia, Rede Record, TV Aratu, TVE

b) Rádios

103.9 - A Tarde FM; 88.7 - Bahia FM; 107.5 - Educadora FM; 90.1 - Globo FM; 91.3 - Itaparica FM; 97.5 - Itapoã FM; 91.3 – Joven Pan; 101.3 - Metrópole; 104.7 - Nova Brasil FM; 94.3 - Piatã FM; Sociedade FM – 102.5; 100.1 - Transamérica Pop.

c) Jornais

Jornal A Tarde; Jornal Correio; Tribuna da Bahia; Metrópole

d) Internet

Sites: Agenda Cultural do Estado – <http://agendacultural.ba.gov.br>; Aldeia Nagô - www.aldeianago.com.br; Bahia BA – <http://bahia.ba>; Bahia Notícias - <https://www.bahianoticias.com.br>; A Tarde Online – <http://atarde.uol.com.br/>; Dois Terços - <http://www.doistercos.com.br>; G1 – www.g1.globo.com/ba; Geledés - <https://www.geledes.org.br>; iBahia – www.ibahia.com.br; Mundo Negro - <https://mundonegro.inf.br>; Varela Notícias - varelanoticias.com.br.

Redes sociais: Facebook, Instagram, Twitter.

e) Peças gráficas

Cartazes, panfletos, spot, VT, outdoor, busdoor, flyer e banner virtual.

4. DO SURGIMENTO À ELABORAÇÃO DO PROJETO

4.1 IDEALIZAÇÃO

Considero a elaboração de um trabalho de conclusão de curso um dos ritos de passagem mais importantes da vida, principalmente para mim, mulher negra, mesmo tendo nascido e vivido cercada de privilégios, como casa própria, plano de saúde, escola particular, universidade pública e intercâmbio.

Um amigo uma vez me disse que descobrir um corpo preto em si mesma é um trabalho muito difícil neste país racista. Ainda mais se você tem passabilidade branca, é classe média, não é alvo preferencial das políticas genocidas e se todas as gerações anteriores a você negaram isso. Demorei muito para me entender negra, e quantas mais meninas não se demoram tanto quanto e neste processo se permitem passar por diversas situações racistas sem possibilidade alguma de revide por não se compreenderem?

Se compreenda, eles disseram. E no processo de compreensão de mim mesma me encontrei com bell hooks¹⁵ e com orgulho da beleza dos traços africanos que carrego em mim. Comecei um processo de busca por mulheres negras e homens negros que falassem sobre autoafirmação e enfrentamento ao racismo.

Era a terceira vez que me matriculava na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, que para mim era extremamente difícil de me dedicar por ter que conciliar com o trabalho de tempo integral, quando meu orientador me disse que o projeto que eu queria fazer, um guia turístico com audiodescrição, iria exigir demais do meu tempo, que naquele momento eu não tinha. Ele sugeriu que eu pensasse em algo que eu gostasse, um tema que tivesse a ver comigo. Já que eu teria que me dedicar depois de uma rotina de trabalho aos estudos, que fosse por algo que me motivasse.

A *Semana das Mulheres Negras* nasceu a partir de uma inspiração na Casa TPM, mas já com o propósito de enaltecimento da mulher negra. A ideia do projeto foi se estruturando a partir de pesquisas, a importância do dia 25 de julho, Dia da Mulher Negra e Dia Internacional das Mulheres Afro Latino-Americanas e Afro-Caribenhas determinou a data de realização do projeto, o período de 22 a 28 de julho de 2019.

¹⁵ bell hooks, escrito com as iniciais em minúsculo, é o pseudônimo utilizado por Gloria Jean Watkins, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense.

4.2 PLANEJAMENTO

Uma vez estabelecida a data do evento, um cronograma do planejamento foi criado para que viabilizasse as estratégias de captação de recursos, comunicação e mobilização do público.

Fase	Inicial	Final
Pré-Produção		
Captação de recursos	jan/19	fev/19
Contato e confirmação das convidadas	mar/19	abr/19
Contratação da equipe	abr/19	abr/19
Reserva de pauta	mar/19	mar/19
Visita técnica	mai/19	jul/19
Aluguel de equipamentos	abr/19	mai/19
Divulgação		
Definição da mensagem e canais de comunicação a serem utilizados	abr/19	mai/19
Criação do site e perfis em redes sociais	mai/19	jun/19
Confecção de peças gráficas (flyer, programa, cartaz, banner, busdoor, outdoor)	abr/19	jun/19
Confecção de spot para divulgação em rádio	mai/19	jun/19
Confecção de VT para divulgação em TV e redes sociais	mai/19	jun/19
Elaboração de Press Kit	jul/19	jul/19
Envio de Press Kit aos meios de comunicação	jul/19	jul/19
Divulgação de peças gráficas (flyer, cartaz, banner, busdoor, outdoor), VT e spot	jun/19	jul/19
Produção		
Realização do evento "Semana da Mulher Negra"	22/jul/19	28/jul/19
Pós-Produção		
Avaliação de resultados	jul/19	ago/19
Envio de cartas de agradecimentos aos convidados, parceiros e colaboradores	jul/19	jul/19
Elaboração de clipping	jun/19	ago/19
Pagamento finais de equipe e serviços	jul/19	ago/19
Devolução de equipamentos	jun/19	jul/19
Elaboração da prestação de contas	jul/19	ago/19

4.2.1 O espaço

Localizado na Avenida Contorno e banhado pela Baía de Todos os Santos, o Solar do Unhão é um conjunto arquitetônico do século XVI integrado pelo casarão, a capela de Nossa Senhora da Conceição, um cais privativo e uma senzala. No ano de 1940 o Solar foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e posteriormente adquirido pelo Governo do Estado da Bahia para sediar o Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM-BA.

De acordo com informações presentes no site do IPHAN¹⁶, o conjunto arquitetônico era um complexo agroindustrial que atendiam à função de receber e exportar a produção açucareira do recôncavo da Bahia. Com o declínio da economia açucareira, o Solar acabou sendo arrendado e no início do século XIX foi utilizada como residência urbana da família de Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde da Torre de Garcia D'Ávila. Entre 1816 e 1926 uma fábrica de rapé funcionava nas instalações do engenho e, em 1928, um trapiche. Por muito tempo o solar serviu também como depósito de mercadorias portuárias e quartel para os fuzileiros que serviram na Segunda Guerra Mundial.

Na década de 1940 o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombou o conjunto arquitetônico, que mais tarde seria adquirido pelo Governo do Estado da Bahia para transformar-se no Museu de Arte Moderna da Bahia. Após um projeto de restauração da arquiteta Lina Bo Bardi, o MAM seria inaugurado no ano de 1966. Além de arquiteta, Bo Bardi foi também a primeira diretora do museu, para o qual pensou modelos e atividades que se aproximassem da cultura popular da Bahia.

Um projeto de bienais para a Bahia pertence à própria história da criação do Museu de Arte Moderna do estado. Nos arquivos que dão conta do nascimento da instituição, entre cartas e documentação oficial do período (o final dos anos 1950 e início dos anos 1960), a arquiteta Lina Bo discute quais modelos e atividades poderiam servir para materializar a missão da instituição recém-criada: o espaço no qual Lina se torna a primeira diretora, diretora artística, professora, arquiteta e artesã - nos mais variados sentidos do termo. Nesses múltiplos papéis, Lina se guia pelo desejo e pela necessidade política de contato com a inteligência de um e de todos a partir da potência do popular (e não do folclórico) diante das novas forças de organização do trabalho no Brasil e, especialmente, na região nordeste do período.

Nesse contexto, a criação de uma bienal era parte de uma estratégia que pretendia a ação não "sobre" ou "a partir", mas essencialmente "com" a cultura popular, em um projeto de museu voltado para a inclusão do outro, sempre tendo em conta o próprio desejo desse outro. Lina tem sua experiência no MAM da Bahia interrompida em 1964, após a imposição da ditadura militar que surgia no Brasil. Mas a Bienal, como ideia, resiste, e uma geração de artistas locais consegue realizá-la em 1966 e 1968. Um ambicioso e político gesto, que termina sendo destruído pelo mesmo regime ditatorial que havia colocado fim à ideia de um museu como experiência humana proposto pelo MAM-BA sobre a direção de Lina Bo. (Jornal dos 100 dias, 2014, p. 8)

Desde a sua criação, o MAM foi um lugar de resistência e a escolha deste espaço para a realização do evento “Semana das Mulheres Negras” possui um

¹⁶ Salvador – Solar do Unhão e Capela Nossa Senhora da Conceição
<<http://www.infopatrimonio.org/?p=19575#!/map=38444&loc=-12.982670999999996,-38.520701,17>>

significado ideológico muito forte: o direito e a liberdade de falar sobre e lutar contra o racismo onde séculos atrás trabalhavam ali negros escravizados.

Neste evento a Capela sediará a exposição *Mulheres Radicais*, a Casa Grande os “Diálogos Inspiradores”, o Galpão será o espaço da oficina *Negras do Brasil* e o Cais o espaço dos shows.

4.2.2 Curadoria da programação

Para composição da programação do evento, foram escolhidas artistas, escritoras, estudiosas e profissionais que atualmente discutem acerca das questões de gênero e raça no país e contribuem de forma significativa para a autoafirmação da identidade negra, combate ao racismo e estreitamento das desigualdades de gênero.

Aiace - Cantora e compositora soteropolitana, formada em Canto Popular pela Universidade Federal da Bahia, possui dois álbuns lançados pelo grupo Sertanília, Ancestral e “Gratia” e um álbum solo, “Dentro Ali”.

As Bahias e a Cozinha Mineira - Grupo musical criado em 2011 e em seus vocais Assucena Assucena e Raquel Virgínia, mulheres transexuais que trazem para o som da banda as inspirações em Gal Costa, Clube da Esquina e Amy Winehouse.

Bia Ferreira - Cantora, compositora, multi-instrumentista, com influências do *blues*, *jazz* e *soul music*, iniciou os estudos na música aos 15 anos. Sua música possui uma temática de luta antirracista no Brasil.

Carol Alves e Milena Anjos - Carol Alves é atriz e Milena Anjos produtora da Web Série “Punho Negro”, que conta a história de uma super-heroína negra e busca discutir temas como o racismo e os padrões impostos pela sociedade machista.

Cida Bento - Psicóloga social, coordenadora executiva do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades (CEERT) e integrante do Fórum Permanente pela Igualdade Racial e da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, foi eleita uma das 50 profissionais mais influentes do mundo no campo da diversidade pela revista *The Economist*, em 2015.

Coletiva Luana Barbosa - Organizado e produzido pela Coletiva Luana Barbosa, o documentário “Eu sou a próxima”, foi concebido para lembrar um ano do assassinato de Luana Barbosa Reis, mulher negra e lésbica que foi espancada por policiais militares na periferia de Ribeirão Preto. O documentário é construído a partir dos relatos de outros casos de assassinato e violência contra mulheres negras e lésbicas

Conceição Evaristo - Graduada em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, a escritora é participante ativa dos movimentos de valorização à cultura negra em nosso país, com diversos textos, livros e poemas publicados onde a mulher é protagonista e símbolo de resistência à pobreza e à discriminação.

Daniele DaMata - Especializada em colorismo, a make-up artist, Daniele da Mata, é fundadora da Escola de Maquiagem para Pele Negra, a DaMata Makeup. Além do aprimoramento profissional e ensino técnico, DaMata valoriza a beleza da mulher negra e o fortalecimento da autoestima. É idealizadora também do projeto “Negras do Brasil”, uma escola itinerante que oferece aulas de maquiagem para pele negra e busca a promoção do empoderamento por meio da valorização de sua beleza.

Djamila Ribeiro - Filósofa, feminista, ativista de direitos humanos e pesquisadora acadêmica, foi secretária adjunta de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo, em maio de 2016. Possui dois livros publicados, “O que é lugar de fala” e “Quem tem medo do feminismo negro”, além de ser colunista da revista Carta Capital, Blogueira Negra e revista Azmina.

Elza Soares - Eleita a cantora do milênio pela BBC em 2007, Elza Soares é considerada uma cantora e compositora vanguardista. Com 60 anos de carreira e 41 discos lançados, a carioca, nascida e criada na favela, ainda lança discos que falam sobre racismo, homofobia, violência contra a mulher e preconceito.

Érica Malunguinho - Fundadora do Aparelha Luzia, centro cultural, político e de resistência negra em São Paulo, ativista, educadora e artista, é a primeira mulher negra e transexual a ocupar uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, eleita em 2018 pelo PSOL – Partido Socialismo e Liberdade.

Gabi Oliveira - Comunicóloga pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Gabi Oliveira criou o canal DePretas no YouTube e já conta com mais de 300 mil inscritos. Em seus vídeos são abordados temas sobre a estética da mulher negra, relações étnico-raciais, preconceito e cultura negra em geral. Tendo palestrado no Tedx Unirio e no Latin America Education Forum (LAEF), na Universidade de Harvard.

Giovana Xavier - Professora da Faculdade de Educação da UFRJ, é coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras, autora do blog Preta Doutora e organizadora do catálogo “Intelectuais Negras Visíveis”, obra pioneira que proporciona visibilidade ao trabalho de mais de 120 mulheres negras em diversas áreas de atuação no Brasil.

Josyara - Cantora e compositora nascida em Juazeiro – BA, iniciou a carreira aos 14 anos, possui dois discos lançados, o segundo com patrocínio do Natura Musical, canta a mansa fúria do sertão baiano.

Karol Conká - Rapper, cantora, compositora, apresentadora, indicada a diversos prêmios, vencedora do Prêmio Multishow e dois álbuns lançados a cantora que iniciou a carreira aos 17 anos atualmente é consagrada como um dos grandes nomes do rap feminista no país.

Larissa Luz - Cantora, compositora e atriz, tendo feito parte das bandas Lucy in the Sky, Egrégoras, grupo Interart e Araketu. Em 2012 decide fazer carreira solo e lança seu primeiro álbum, “Mudança”, em 2016 é indicada ao Grammy Latino por seu segundo álbum solo, “Território Conquistado”.

Lucia Xavier - Assistente social, ativista de direitos humanos, coordenadora geral da ONG Criola, que atua na promoção da igualdade e defesa dos direitos das mulheres

negras. Em 2018 recebeu IV Homenagem Maria do Espírito Santo Silva Pela Valorização das Defensoras dos Direitos Humanos, promovido pela Justiça Global.

Luedji Luna - Cantora e compositora baiana, iniciou os seus estudos na Escola de Canto Popular da Universidade Federal da Bahia e desde 2011 se apresenta nos principais palcos e recitais de Salvador. Vencedora do Prêmio Caymmi 2017, Natura Musical 2018 entre outros, com o seu álbum “Um Corpo no Mundo”.

Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985 - Exposição coletiva que busca dar visibilidade à produção artística realizada por mulheres, entre os anos 1960 e 1985, residentes em países da América Latina, além de latinas e chicanas nascidas nos Estados Unidos. Esta exposição é organizada pelo Hammer Museum, Los Angeles e teve curadoria das convidadas Cecilia Fajardo-Hill e Andrea Giunta.

Nara Couto - Especializada em dança afro contemporânea, a dançarina e cantora que atuou no Balé Folclórico da Bahia e acompanhou diversas artistas da *axé music* por palcos mundiais, ingressou na Orquestra Afrosinfônica em 2009 e atualmente apresenta o show “Outras Áfricas”, espetáculo musical em carreira solo.

Nátaly Neri - Estudante de Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, onde estuda educação crítica com recorte étnico-racial, além disso participa de grupos feministas e Movimento Negro dentro da universidade. Seu canal no YouTube, Afros e Afins, conta com mais de 450 mil inscritos. Seus vídeos abordam a estética e empoderamento da mulher negra, autonomia financeira e intelectual além do consumo consciente. Colunista do Mídia Ninja, tem palestras no Tedx São Paulo Salon, Tedx Petrópolis.

Sueli Carneiro - Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro no Brasil. Fundadora, editora e atual diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, coordenadora do Projeto PLP 2.0 aplicativo de combate a violência contra a mulher vencedor do Desafio de Impacto Social Google e autora do livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”.

Viviane Ferreira e Larissa Fulana de Tal - Larissa Fulana de Tal e Viviane Ferreira são as cineastas que juntas criaram o roteiro e fizeram a direção da Web Série “Sonho de Preta Conta”, uma iniciativa que narra as histórias, sonhos e utopias de 12 mulheres negras.

4.2.3 Captação de recursos e patrocínio

O projeto possui diferentes cotas de patrocínio com contrapartidas específicas de retorno de imagem para a empresa que vão desde aplicação da marca em peças gráficas até exibição do nome da empresa patrocinadora sob a chancela de “Apresenta”.

O mecanismo utilizado para a captação de recursos e viabilização do projeto será através do financiamento público, por meio da Lei Rouanet. Empresas como a Petrobrás, Banco do Nordeste, Banco Itaú, Santander, Ambev e Avon.

4.2.4 Cotas de Patrocínio e contrapartidas

1) Cota Azeviche

- Valor: R\$ 800.000,00

a) Contrapartidas de relacionamento:

- Cota de 100 convites para temporada de apresentações na cidade de Salvador (BA)

b) Contrapartidas de comunicação:

- Exibição do nome da empresa patrocinadora à frente do nome do evento sob a chancela “Apresenta”
- Exibição de vídeo institucional da empresa patrocinadora antes dos shows de encerramento de cada uma das noites;
- Possibilidade de ação promocional durante o evento;
- Menção do nome da instituição nas entrevistas concedidas pelos realizadores e equipe técnica;
- Envio de relatório detalhado com os resultados alcançados com a divulgação do projeto;

- VT e SPOT: citação do nome da instituição patrocinadora em todos os spots que serão veiculados em rádios de Salvador e Região Metropolitana;
- Divulgação do logo da empresa patrocinadora em nas peças gráficas abaixo:
- 450 cartazes A3 para circulação na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 9000 programas para distribuição ao público;
- 15 placas de busdoor e na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 5 placas de outdoor na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 1 banner para instalação na bilheteria do evento;
- 16 flyers virtuais para o evento

2) Cota Pérola Negra

- Valor: R\$ 400.000,00

a) Contrapartidas de comunicação:

- Exibição do nome da empresa patrocinadora à frente do nome do evento sob a chancela “Patrocínio”
- Menção do nome da instituição nas entrevistas concedidas pelos realizadores e equipe técnica;
- Envio de relatório detalhado com os resultados alcançados com a divulgação do projeto;
- Divulgação do logo da empresa patrocinadora em nas peças gráficas abaixo:
- 450 cartazes A3 para circulação na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 9000 programas para distribuição ao público;
- 15 placas de busdoor e na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 5 placas de outdoor na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 1 banner para instalação na bilheteria do evento;
- 16 flyers virtuais para o evento

3) Cota Ônix

- Valor: R\$ 200.000,00

a) Contrapartidas de comunicação:

- Exibição do nome da empresa patrocinadora à frente do nome do evento sob a chancela “Patrocínio”

- Divulgação do logo da empresa patrocinadora em nas peças gráficas abaixo:
- 450 cartazes A3 para circulação na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 9000 programas para distribuição ao público;
- 15 placas de busdoor e na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 5 placas de outdoor na cidade de Salvador e Região Metropolitana;
- 1 banner para instalação na bilheteria do evento;
- 16 flyers virtuais para o evento

4.4 IDENTIDADE VISUAL

Depois de concebido o projeto e finalizado o seu planejamento, iniciou-se o processo de criação da identidade visual, elaboração do projeto executivo e das peças gráficas e neste momento tive a sorte de contar com Driele Coutinho, uma amiga que também é designer gráfica, para a realização do trabalho.

No momento do *briefing* do projeto foram sinalizadas algumas características que eu gostaria que houvesse na construção da identidade visual da marca: a referência em estampas de tecidos africanos com zig-zag e losangos, esteiras de palha, a escolha da paleta de cores do bloco afro Ilê Aiyê – vermelho, amarelo e preto, a ausência de serifa na fonte que seria utilizada e a confiança e liberdade para que ela trouxesse com a arte o conceito do evento.



Após a criação da identidade visual, foram elaboradas também a brochura, que seria utilizada para a venda do projeto, as peças gráficas (cartaz, flyer, busdoor e

outdoor, banner virtual) e a ambientação do espaço para melhor visualização das ativações com as marcas dos patrocinadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o meu processo pessoal de reconhecimento enquanto mulher negra, eu sofri bastante por não conseguir enxergar referências artísticas, políticas e intelectuais que se aproximassem de mim. Tampouco enxergava uma referência de beleza. Estudei em escola particular durante toda a minha vida e, no Brasil, estudar em escola particular significa estudar em um ambiente branco. Embora moradora de bairro popular, a minha casa não ficava em uma região de tráfico atuante ou conflitos policiais e os meus fins de semana e férias eram em bairros nobres da cidade, como o Alto do Itaigara, um condomínio fechado em Itapuã ou em uma casa de veraneio na Ilha de Itaparica, sempre cercada pela branquitude e condições sociais e economicamente privilegiadas de parte da minha família.

Mesmo não participando de um ambiente negro, era negra. A sociedade me lia e me respondia como negra e eu não sabia de que forma reagir porque racismo nunca foi um assunto nas reuniões de família. E eu me pergunto como, no Brasil, um país com estatísticas que nos mostram, povo negro, como os mais socioeconomicamente vulneráveis, nunca me disseram que eu era negra. Que eu sou negra e que estava destinada desde o início da colonização deste país, por esta sociedade racista, a ocupar determinados espaços.

Durante todo o processo de pesquisa e escrita – que, embora de interesse amplo, a todo momento foi construído na ânsia de responder minhas inquietações pessoais -, pude perceber que o reconhecimento do corpo negro que sou teria sido diferente se estes debates fossem presentes durante a minha formação. A função primordial deste evento é, portanto, apresentar às mulheres negras, e neste grupo me incluo, a sua plena capacidade para ocupar os diversos espaços possíveis nesta sociedade – artísticos, políticos e intelectuais, para além do determinismo imposto por um país construído nas bases do racismo e sexismo.

Finalizar este trabalho não consiste em encerrar o debate sobre gênero e raça iniciado aqui. Pelo contrário, há muitos outros questionamentos a serem feitos, muitas outras estratégias de enfrentamentos a serem criadas e colocadas em prática. A academia precisa ser enegrecida, tanto a partir da presença de mulheres negras, quanto em discursos que partam de mulheres negras. A construção deste trabalho é o percurso de volta ao desejo que tinha quando entrei na Facom: o de ensinar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, George Reid. Visões afro-americanas sobre o Brasil, 1900 – 2000. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.48, n. 2, p.20-52, jul./dez., 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/19493/30165>>. Acesso em 17 out. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2018.

Does Amalgamation Work in Brazil. **Ebony**. 1965. Disponível em: <<https://goo.gl/PV9Wfi>>. Acesso em 12 set. 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2018.

DOSSIÊ MULHERES NEGRAS: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

GONZÁLEZ, Ana Izabel Álvares. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

LEÓN, Irene. **I Encuentro de Mujeres Negras Latinoamericanas y del Caribe**. 1995. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/active/1001>>. Acesso em 23 ago. 2018.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: FLACSO, 2015.

Movimento Negro Unificado. **Geledés**. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/movimento-negro-unificado-miltao/>>. Acesso em 13 set. 2018.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o

Estado brasileiro. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 445-456, Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a05.pdf>>. Acesso em 10 out. 2018

RUBIM, Antônio Albino Canelas. 3ª Bienal da Bahia: Memória e Criação. Salvador: 3ª Bienal da Bahia, 2014. Edição única. **JORNAL DOS 100 DIAS**. v.1, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/bahiamam/docs/jornal_100_dias_small_2d553ddbbaa2c13>. Acesso em 29 out. 2018.

SANTACRUZ, Nicomendes. **Afroamericanos: presencia y expansión**. 1995. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/active/986>>. Acesso em 23 ago. 2018.

SOUZA, Ilma Silva dos Santos de. O processo de apropriação da democracia racial durante a ditadura militar. **Cadernos PDE**, Paraná, v. 1, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_hist_artigo_ilma_silva_dos_santos_de_souza.pdf> Acesso em 13 out. 2018.

Selma 50 anos depois da marcha histórica. **Estadão**. 2015. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,selma-50-anos-depois-da-marcha-historica,1646459>>. Acesso em 12 set. 2018.

SILVA, M. L. CASA-GRANDE & SENZALA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL. In: **39º Encontro Anual da Anpocs**, 2015, Minas Gerais. Anais eletrônicos... Minas Gerais: FINEP, 2015. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt28/9704-casa-grande-e-senzala-e-o-mito-da-democracia-racial/file>>. Acesso em 13 set. 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Barcelona: **Hómo Sociologicus**, 1988.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A: Orçamento

Equipe de produção	Qtd.	Unid.	Qtd. TT	Valor unit	Valor total
Coordenador de Produção, Idealização e Curadoria	1	cachê	1	R\$ 28.000,00	R\$ 28.000,00
Produtor Executivo	3	cachê	1	R\$ 2.500,00	R\$ 7.500,00
Assistente de produção	2	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 3.000,00
Roaddie	2	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
Assistente de palco	2	cachê	1	R\$ 700,00	R\$ 1.400,00
Técnico de som	3	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 3.000,00
Técnico de iluminação	2	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 3.000,00
Cenógrafo	1	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
Montador	4	cachê	1	R\$ 700,00	R\$ 2.800,00
Eletricista	1	cachê	1	R\$ 900,00	R\$ 900,00
Mediadora do debate	2	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
Apresentadora do show	1	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00

Serviços	Qtd.	Unid.	Qtd. Diárias	Valor unit	Valor total
Aluguel de espaço	1	unid	6	R\$ 8.090,00	R\$ 48.540,00
Aluguel e montagem de palco (5x5)	1	unid	6	R\$ 3.500,00	R\$ 21.000,00

Aluguel de iluminação	1	unid	6	R\$ 2.800,00	R\$ 16.800,00
Aluguel de mesas para curso de automaquiagem	30	unid	3	R\$ 100,00	R\$ 9.000,00
Aluguel de cadeiras para curso de automaquiagem	30	unid	3	R\$ 110,00	R\$ 9.900,00
Aluguel de mobiliário para o palco do debate	6	unid	6	R\$ 110,00	R\$ 3.960,00
Aluguel de gerador	1	unid	6	R\$ 1.750,00	R\$ 10.500,00
Aluguel de telão com projetor	1	unid	6	R\$ 210,00	R\$ 1.260,00
Contratação de equipe de limpeza	6	peçoal	6	R\$ 70,00	R\$ 2.520,00
Contratação de equipe de segurança	6	peçoal	6	R\$ 100,00	R\$ 3.600,00
Aluguel de computadores para sala de imprensa	4	unid	6	R\$ 120,00	R\$ 2.880,00
Aluguel de mesas para sala de imprensa	4	unid	6	R\$ 100,00	R\$ 2.400,00
Aluguel de cadeiras para sala de imprensa	4	unid	6	R\$ 110,00	R\$ 2.640,00
Aluguel de radiocomunicador	15	unid	6	R\$ 60,00	R\$ 5.400,00
Aluguel de banheiros químicos	10	unid	5	R\$ 120,00	R\$ 6.000,00
Buffet camarim	1	serviço	4	R\$ 3.000,00	R\$ 12.000,00
Assessoria Jurídica	1	serviço	1	R\$ 3.000,00	R\$ 3.000,00
Contador	1	serviço	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Correios	1	verba	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00

Divulgação	Qtd.	Unid.	Qtd. TT	Valor unit	Valor total
Coordenador de comunicação	1	cachê	1	R\$ 3.000,00	R\$ 3.000,00
Assessor de imprensa	1	cachê	1	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00

Web designer	1	cachê	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Designer gráfico	1	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Cinegrafista	2	cachê	1	R\$ 2.000,00	R\$ 4.000,00
Assistente de cinegrafia	2	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
Fotógrafo	2	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 3.000,00
Assistente de fotografia	2	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
Credenciais	100	unid	1	R\$ 2,30	R\$ 230,00
Ingressos	10000	unid	1	R\$ 1,00	R\$ 10.000,00
Outdoor	3	unid	1	R\$ 7.000,00	R\$ 21.000,00
Busdoor	10	unid	1	R\$ 1.991,00	R\$ 19.910,00
Spot	1	unid	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
VT	1	unid	1	R\$ 2.300,00	R\$ 2.300,00
Banner	1	unid	1	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Brochura do programa	9000	unid	1	R\$ 6,00	R\$ 54.000,00

Convidadas	Qtd.	Unid.	Qtd. TT	Valor unit	Valor total
Passagens Aéreas (por pessoa)	50	trecho	2	R\$ 918,00	R\$ 91.800,00
Hospedagem (por pessoa)	50	diária	2	R\$ 300,00	R\$ 30.000,00
Alimentação (por pessoa)	50	refeição	3	R\$ 60,00	R\$ 9.000,00
Aluguel de van com motorista para traslado	4	diária	4	R\$ 450,00	R\$ 7.200,00
Transporte da exposição	1	trecho	2	R\$ 12.000,00	R\$ 24.000,00

Cachê DaMata Makeup	1	cachê	1	R\$ 12.000,00	R\$ 12.000,00
Cachê Karol Conká	1	cachê	1	R\$ 40.000,00	R\$ 40.000,00
Cachê As Bahias e a Cozinha Mineira	1	cachê	1	R\$ 20.000,00	R\$ 20.000,00
Cachê Aiace	1	cachê	1	R\$ 18.000,00	R\$ 18.000,00
Cachê Larissa Luz	1	cachê	1	R\$ 18.000,00	R\$ 18.000,00
Cachê Elza Soares	1	cachê	1	R\$ 55.000,00	R\$ 55.000,00
Cachê Luedji Luna	1	cachê	1	R\$ 20.000,00	R\$ 20.000,00
Cachê Bia Ferreira	1	cachê	1	R\$ 20.000,00	R\$ 20.000,00
Cachê Nara Couto	1	cachê	1	R\$ 18.000,00	R\$ 18.000,00
Cachê Josyara	1	cachê	1	R\$ 8.000,00	R\$ 8.000,00
Cachê Djamila Ribeiro	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Sueli Carneiro	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Giovana Xavier	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Conceição Evaristo	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Cida Bento	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Lúcia Xavier	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Érica Malunguinho	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Viviane Ferreira e Larissa Fulana de Tal	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Carol Alves e Milena Anjos	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Coletiva Luana Barbosa	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Cachê Gabi Oliveira	1	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00

Cachê Nataly Néri	1	cachê	1	R\$	5.000,00	R\$	5.000,00
-------------------	---	-------	---	-----	----------	-----	----------

Valor Total do Projeto						R\$ 800.000,00
-------------------------------	--	--	--	--	--	-----------------------

APÊNDICE B: Cronograma

ATIVIDADE	DATA INICIAL	DATA FINAL
Pré-Produção		
Captação de recursos	01/01/2019	28/02/2019
Reserva de pauta	01/03/2019	31/03/2019
Contato e confirmação das convidadas	01/03/2019	30/04/2019
Contratação da equipe	01/04/2019	30/04/2019
Aluguel de equipamentos	01/04/2019	31/05/2019
Visita técnica	01/05/2019	22/07/2019
Divulgação		
Definição da mensagem e canais de comunicação a serem utilizados	01/04/2019	31/05/2019
Confecção de peças gráficas (flyer, programa, cartaz, banner, busdoor, outdoor)	01/04/2019	30/06/2019
Criação do site e perfis em redes sociais	01/05/2019	30/06/2019
Confecção de spot para divulgação em rádio	01/05/2019	30/06/2019
Confecção de VT para divulgação em TV e redes sociais	01/05/2019	30/06/2019
Divulgação de peças gráficas (flyer, cartaz, banner, busdoor, outdoor), VT e spot	01/06/2019	31/07/2019
Elaboração de Press Kit	01/07/2019	31/07/2019
Envio de Press Kit aos meios de comunicação	01/07/2019	31/07/2019
Produção		
Realização do evento "Semana da Mulher Negra"	22/07/2019	28/07/2019
Pós-Produção		

Elaboração de clipping	01/06/2019	31/07/2019
Devolução de equipamentos	01/06/2019	31/07/2019
Envio de cartas de agradecimentos aos convidados, parceiros e colaboradores	01/07/2019	31/07/2019
Pagamento finais de equipe e serviços	01/07/2019	31/08/2019
Elaboração da prestação de contas	01/07/2019	31/08/2019
Avaliação de resultados	01/07/2019	31/08/2019

APÊNDICE C: Contatos

Artista	E-mail
Exposição	
Mulhere Radicais	cfajardohill@gmail.com
Oficina	
DaMata Makeup	contato@damatamakeup.com
Diálogos	
Carol Alves e Milena Anjos	anjossilva0@gmail.com
Cida Bento	contato@ceert.org.br
Coletiva Luana Barbosa	https://www.messenger.com/t/ColetivaLuanaBarbosa
Conceição Evaristo	contatoconceicaoovaristo@gmail.com
Djamila Ribeiro	contatodjamilaribeiro@gmail.com
Érica Malunguinho	campanha.ericamalunguinho@gmail.com
Gabi Oliveira	depretas@gmail.com
Giovana Xavier	contatogiovanaxavier@gmail.com
Lúcia Xavier	criola@criola.org.br
Nataly Néri	afroseafinscontato@gmail.com
Sueli Carneiro	scarnei@uol.com.br
Viviane Ferreira e Larissa Fulana de Tal	viviane.odun@gmail.com
Música	
Aiace	aiacefelix@gmail.com
As Bahias e a Cozinha Mineira	fazproducoes@uol.com.br
Bia Ferreira	cotanaoeesmola@gmail.com
Elza Soares	pedro@projetar.art.br
Josyara	silvana@ramalheteproducoes.com
Karol Conká	comercial@karolconka.com
Larissa Luz	contato@larissaluz.com.br
Luedji Luna	producaoluedjiluna@gmail.com
Nara Couto	producaonaracouto@gmail.com